

## **A crise atingirá o Brasil e outros países da América Latina já no início de 2009, acredita o economista Plínio Arruda Júnior**



“O que estamos vivenciando não é uma crise financeira. É uma crise de crédito com grandes proporções”, afirmou o economista e professor da UNICAMP, Plínio Soares de Arruda Sampaio Júnior, na palestra Análise de Conjuntura do Cenário Nacional e Internacional, promovida pelo Unafisco Sindical DS Salvador, na sexta-feira (12/12), no auditório do Sindifisp/BA.

De acordo com o professor da UNICAMP, a economia brasileira está estreitamente integrada financeiramente, economicamente e produtivamente com o mundo. “Portanto, é uma crise de crédito que vai refletir não só na economia dos países desenvolvidos, mas no Brasil e no resto da América Latina”.

Ele explicou que a natureza da crise que está por acontecer também nos países considerados subdesenvolvidos “é uma crise geral do capitalismo. Uma crise estrutural e de grande profundidade. Não é uma crise igual às ocorridas anteriormente”. Segundo Plínio, a crise que se alastra em todo o mundo deve começar no Brasil por volta de fevereiro de 2009. “Na avaliação de vários economistas brasileiros, esta crise já vem sendo sinalizada desde a década de 1990, com o boom da globalização, e com indícios claríssimos de que poderia acontecer a qualquer momento”.

Ele fez um comparativo com a crise da década de 1929, que durou meio século, adiantando que a crise de agora é bem mais complexa.

Conforme o economista, a crise ocorre quando existe uma mudança de qualidade na relação do grande capital com o Estado. “Pelo fato de o capital financeiro ter tido a capacidade de instrumentalizar o Estado, esse mesmo capital ganhou uma capacidade de administrar a crise para ele próprio”.

Na visão de Plínio, “a crise da barbárie”, como ele se referiu durante toda a palestra, vem evoluindo numa forma de “lenta agonia” e tende a se aprofundar e generalizar pelo globo terrestre inteiro. “É a profundidade da barbárie no centro e na periferia. É uma crise do capitalismo. Por assim dizer, é uma crise da indigestão”.

### **Como distribuir o ônus da crise**

Para Plínio, não existe saída nacional para crise. “A solução para crise é supranacional”. Ele falou também sobre a decadência dos EUA em conter a crise, “porém não há quem entre no lugar para resolver o problema”.

O economista vê como fator importante neste momento a unidade dos sindicatos. “É importante a unidade dos sindicatos e sua referência política para conscientizar a população. Todo mundo tem que se defender da crise, portanto é preciso, mais do que nunca, a unidade se não estaremos entregues a barbárie”.

Questionado sobre a qual a melhor forma da classe média encarar a crise, Plínio Arruda disse que há uma grande irresponsabilidade do governo em induzir a classe média a investir na bolsa. “A classe média não deve especular. O momento é de o grande capital especular na bolsa”.

O economista aconselhou que a classe média invista em títulos públicos em momento de crise, e adiantou que o colapso não é responsabilidade da classe média e sim do Estado.



Além do economista, fizeram parte da mesa, a presidente da DS Salvador, **Marialva Calabrich** e o presidente do Sindifisp/BA, **Luiz Cláudio Martins**.